



## QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS BRINCADEIRAS DE FAZ DE CONTA DAS CRIANÇAS

Evandro Salvador Oliveira <sup>1</sup>

Luciene Aparecida Pinto Costa Pereira<sup>2</sup>

José Martins Carvalho Junior<sup>2</sup>

Ana Carolina Irineu Pereira<sup>3</sup>

Ramão Marques dos Santos Filho<sup>5</sup>

**Resumo:** Este trabalho é fruto de uma pesquisa articulada com um projeto de extensão, que trabalha com a criança, o brincar e a produção de culturas (lúdicas) em uma Brinquedoteca Universitária. O objetivo principal é compreender os significados que as crianças constroem sobre as relações de gênero e sexualidade, atravessados por discursos da cultura midiática, e como essa significação se faz presente em suas experiências com as brincadeiras de faz de conta, construídas na Brinquedoteca Universitária. Para a análise dos discursos em torno dessa temática que abarca o universo infantil e adulto, que circulam na instituição educativa, como aportes teórico-metodológicos tem-se os conceitos de dialogismo e alteridade de Mikhail Bakhtin. O contexto da pesquisa é a Brinquedoteca da UNIFIMES, que, por meio do projeto de extensão, recebe crianças da pré-escola, de 3 a 5 anos. Como recursos metodológicos, a observação participante nas brincadeiras de faz de conta das crianças tem sido utilizada, acompanhadas de registros em diário de campo. Com esta pesquisa, busca-se contribuir para o debate sobre a infância, gênero e sexualidade na cultura contemporânea, bem como analisar suas brincadeiras e suas relações que ocorrem com o outro, sobretudo no âmbito da educação de crianças. Como considerações, observa-se que as crianças, na Brinquedoteca Universitária, ao construir suas brincadeiras trazem elementos advindos da cultura midiática. Isso ocorre principalmente quando compõem suas culturas lúdicas se apropriando de personagens que se fazem presentes durante suas vivências cotidianas estabelecidas com o outro.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Brinquedoteca. Cultura Lúdica.

**Eixo Temático:** III Ciências Humanas e Sociais

### INTRODUÇÃO

Não resta dúvida de que têm sido raros os momentos em que nos deparamos com experiências de crianças que trazem saberes relacionados ao gênero e à sexualidade, principalmente quando brincam, marcadas por discursos que remetem aos lugares sociais

---

<sup>1</sup> Docente Adjunto - UNIFIMES e coordenador do curso de Educação Física; Doutorando em Estudos da Criança (UMinho – Portugal), Doutorando em Educação (UNIUBE – Uberaba, MG); E-mail: evandro@fimes.edu.br. <sup>2</sup> Docente Adjunto - UNIFIMES, curso de Pedagogia. Mestre em Educação pela UFG. E-mail: lucieneaparecida@fimes.edu.br

<sup>2</sup> Professor no curso de Educação Física da UNIFIMES. E-mail: junior@fimes.edu.br

<sup>3</sup> Graduanda em Educação Física pela UNIFIMES. Bolsista PIBIC. E-mail: anacarolinairineu.21@gmail.com <sup>5</sup> Graduando em Educação Física pela UNIFIMES. E-mail: ramaofilho007@gmail.com.

destinados ao feminino e ao masculino na cultura contemporânea, bem como às imagens da infância e suas relações estabelecidas com a vida adulta nesse cenário.

As crianças, ao se posicionarem a respeito de aspectos quanto ao gênero, assumem determinados saberes relativos à sexualidade como passaportes de acesso ao grupo de pares e demarcadores de status no interior desses grupos. Além disso, atravessam as fronteiras, ainda que de forma “inocente”, entre a infância e a vida adulta, embora estejam conscientes de que esta última representa território cujo acesso lhes é negado. As crianças desconstruem, assim, a imagem desenhada historicamente e culturalmente da infância como tempo de vida marcado pela inocência e, por essa razão, significam esses saberes subversivos como códigos que conferem àqueles/as que os dominam prestígio e visibilidade no grupo social.

Pautado nessas análises, desenvolvidas a partir das experiências construídas a partir de algumas trajetórias de investigação com crianças, este projeto de pesquisa tem como temática central as relações entre infância, gênero e sexualidade na cultura contemporânea nas brincadeiras de faz de conta, de modo a compreender como as crianças têm se apropriado e atribuído significados aos discursos, que circulam na cultura mais ampla – especificamente na cultura midiática – e remetem ao gênero e à sexualidade, transformando-os em valores e práticas, que demarcam modos de ser e relacionar-se com as outras crianças em contextos educativos como a Brinquedoteca. A ênfase recai em construir significados, junto a elas, nos momentos em que elas brincam, principalmente em espaços propícios para a produção de culturas lúdicas, como a Brinquedoteca, por meio de diálogos e problematizações.

É possível destacar que a infância, para a análise do tema em pauta, ainda é alvo de concepções e valores, muito arraigados e enraizados, que tendem a banir desse tempo de vida assuntos relacionados ao gênero e à sexualidade, como se fossem experiências distantes das crianças, que elas não vivem e não podem viver, sobre as quais elas não têm e não podem ter conhecimentos, já que entram em choque com a inocência como atributo naturalizado da infância. Por outro lado, no âmbito da produção de conhecimento científico sobre o tema, temos nos deparado com um número razoável de pesquisas, desenvolvidas, sobretudo, no âmbito da educação (RIBEIRO, 1996; FELIPE; GUIZZO, 2003; FELIPE, 2005), que se debruçam em investigar esse fenômeno e dar visibilidade a essas questões. No entanto, se analisarmos a repercussão dessa produção científica, veremos que pouco tem se avançado em termos de transformá-la em conteúdo a ser pautado na formação de professores, aspecto que também nos interessa, haja vista que esta pesquisa terá a escola como um de seus contextos privilegiados.

Não se trata aqui, portanto, de investigar o tema, conferindo-lhe um sentido saudosista que busca resgatar uma infância ideal que não mais existe, como se a cultura midiática fosse a ferramenta principal de um suposto desvirtuamento e desmantelamento da inocência infantil. Ao contrário disto, busca-se, com esta pesquisa, trazer à discussão os significados que as crianças (incluindo os adultos do contexto em que convivem as crianças) têm construído em relação ao gênero e à sexualidade como experiências legítimas da infância, sem perder de vista a crítica sobre como tais experiências, na cultura do consumo, têm sido agenciadas por discursos que banalizam os relacionamentos e a sexualidade transformando-os em produtos prontamente descartáveis.

Uma das implicações desta pesquisa reside no campo da educação, sobretudo na formação de professores/as, posto que, no trabalho pedagógico com a criança, não podem estar separados os valores, as experiências e os saberes que as crianças constroem com o próprio corpo, com o corpo do outro, suas relações afetivas e sociais, suas concepções, suas fantasias, seus medos e angústias, suas formas de expressar e lidar com a sexualidade e seus modos de ser meninos e meninas.

Dessa forma, o presente projeto vem propor um estudo nesse campo de conhecimento, qual seja a infância e os assuntos apresentados nesta pequena contextualização, contando com apoio de estudantes do curso de Educação Física e Pedagogia que também, em sua formação profissional, trabalham com crianças em contextos educativos.

Temos como objetivos específicos:

- a) Analisar como as crianças compõem suas identidades de gênero e sexuais, em meio às referências simbólicas disponíveis pela mídia: programas televisivos, músicas, revistas, anúncios publicitários, moda, brinquedos, sites da internet, e que aparecem em suas brincadeiras de faz de conta;
- b) Compreender como compartilham informações, saberes e experiências, voltados às relações de gênero e à sexualidade, no grupo de pares, que suscitem em contexto educativo;
- c) Analisar os significados que as crianças atribuem ao corpo, à beleza, aos relacionamentos amorosos e de amizade, em suas falas, jogos e brincadeiras.

Esta pesquisa foi construída com base em trabalhos desenvolvidos com um grupo de pesquisa da Universidade Federal do Mato Grosso, o GEIJC.

## **Abordagem teórica**

Para tratar das experiências relacionadas ao gênero, é imprescindível que também nos remetemos às representações sobre o corpo, que, por sua vez, estão fortemente associadas às representações do feminino e do masculino na cultura e na história. Até mesmo o corpo da criança, considerado historicamente como o mais próximo da natureza, por ter sido representado como o signo da inocência e do virginal, não está determinado unicamente por sua condição biológica.

Na perspectiva dos estudos culturais e pós-estruturalistas, abordamos as identidades de gênero e sexuais como construções sociais e históricas, que se constituem a partir dos corpos sexuados e os posicionam na prática social, na história e na cultura. O gênero é um conceito relacional, afirma Louro (1997), porque é no âmbito das relações sociais que os gêneros se constituem. Não há uma construção única para se pensar em gênero, ou seja, uma posição natural ou essencialista que determina como cada gênero tenha que se definir e manifestar. Por isso, é importante compreendê-lo como um conceito plural, multifacético, aberto à diversidade como mulheres e homens se veem, se sentem, se comportam, se relacionam e são representados socialmente.

Convém ressaltar que o gênero é um elemento significativo no processo de constituição identitária, que escapa da fixidez e da permanência. Os sujeitos apresentam identidades que são plurais, múltiplas e contraditórias. Por exemplo, se pensarmos nas relações entre identidades e gênero, para além das oposições binárias, que demarcam o masculino como território da virilidade e da força e o feminino como sinônimo de sensibilidade e fragilidade, como destaca Scott (1995), passamos a compreender as constituições identitárias a partir do gênero como uma arena de relações sociais entre os sexos.

É possível, assim, distinguir identidades de gênero e identidades sexuais, sem deixar de considerar, entretanto, que ambas são intimamente entrelaçadas. As identidades de gênero se constituem a partir dos modos como as pessoas se identificam, em suas relações sociais, culturais e afetivas, como masculinos e femininos. Já as identidades sexuais reportam às formas como vivemos a nossa sexualidade, os nossos prazeres e desejos. Assim, os sujeitos vão compondo suas identidades sexuais e de gênero em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, valores e práticas. Vão construindo e desconstruindo suas posições sociais, seus papéis e seus modos de ser, agir e se relacionar com o outro. A respeito do conceito de gênero, podemos afirmar, a partir das análises de Souza (2014, p. 66), que “trata-

se de uma categoria social, construída pela sociedade e a cultura que busca diferenciar e estabelecer qual o papel de cada um dos sexos na sociedade. As distinções e definições dos papéis de gênero chegam a determinar as formas de trabalho mais apropriadas a homens e mulheres e, ainda, o que se espera em relação à maternidade e paternidade”.

Nessa perspectiva, Barbeiro (2014) enfatiza que o problema surge que quando o gênero não condiz com o padrão socialmente aceito pela sociedade. Os papéis sociais de homens e mulheres já estão definidos. Conforme afirma a autora, “não podemos pensar o gênero ou a sexualidade (os “sexos”) como expressões de uma realidade psíquica ou física que os precede. Fica claro, nesta perspectiva, o reducionismo que existe na ideia preconcebida de que existem somente dois sexos “normais” e dois gêneros correspondentes, e que o resto das possibilidades entraria na categoria de um desvio” (BARBERO, 2014, p. 60).

### **Pressupostos metodológicos**

Em se tratando de elementos de análise, conforme está posto nos objetivos específicos, pretendemos nos debruçar sobre os discursos produzidos pelas crianças, nos diferentes contextos e nas diversas interações estabelecidas no cotidiano da Brinquedoteca. O lócus de investigação, como o nome do projeto anuncia, é a Brinquedoteca da UNIFIMES, com sujeitos entre 4 a 5 anos, com encontros realizados semanalmente.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, alicerçada no campo dos estudos culturais e, mais especificamente, dos estudos da infância. A abordagem metodológica distancia-se de uma análise da criança como um sujeito afastado das relações estabelecidas com o pesquisador no contexto da pesquisa. Entende-se, assim, que as interlocuções produzidas entre os pesquisadores e as crianças no processo de pesquisa afetam mutuamente cada um dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, a criança não é vista como objeto de análise, mas como um sujeito que, efetivamente, traz à tona questões, em seus diálogos com o adulto pesquisador, que mobilizam e dão contornos à pesquisa propriamente dita, conforme aponta a sociologia da infância.

Admite-se, assim, que os saberes, as experiências e os significados que as crianças atribuem às questões postas no decorrer da pesquisa são tão pertinentes e legítimos quanto os dos adultos, resguardados as devidas diferenças. Trata-se, portanto, de compreender a criança como um sujeito cujos significados, experiências e saberes expressam o que vive na infância – neste caso, as questões relacionadas ao gênero e à sexualidade –, situada em um tempo e em

uma cultura muito específicos. Com isto, busca-se pesquisar com a criança ao invés de tomá-la apenas como objeto de investigação (JOBIM E SOUZA; CASTRO, 2008).

O referencial teórico-metodológico assumido como estratégia está em torno da teoria da enunciação de Bakhtin (1992; 1998), por permitir uma compreensão do discurso para além da sua concretude, que se volta para os vetores sociais que o compõem, definidos a partir das situações sociais nas quais é produzido, e de relações estabelecidas com outros discursos, de contextos e temporalidades diversas.

O dialogismo e a alteridade, como já mencionado, apresentam-se como conceitos chave para a análise dos discursos das crianças, produzidos nos diálogos vividos no âmbito da pesquisa, haja vista os diversos entrecruzamentos de discursos e sentidos que se farão presentes nas relações estabelecidas entre as crianças, nos grupos que organizam, e entre elas e os pesquisadores. O dialogismo, longe de se restringir ao diálogo face a face, remete à pluralidade de vozes, entendidas como perspectivas sociais e visões de mundo, que conferem sentidos aos discursos. Já a alteridade, muito próxima do conceito de dialogismo, é um processo constitutivo que se faz presente tanto na produção discursiva quanto nas relações humanas. Da mesma forma como não há discurso fora da comunicação verbal, não há condição humana fora desse diálogo incessante com a cultura e os outros. "É a partir do outro que tentamos dar-nos vida e forma" (BAKHTIN, 1992, p. 52).

Como estratégias metodológicas, teremos a observações participante das interações das crianças entre si e com os adultos (professores/as) e das brincadeiras que ocorrerem na Brinquedoteca; entrevistas com as crianças em situações que tragam à tona assuntos relativos ao gênero e à sexualidade. Para tanto, serão utilizados como registros o diário de campo, para anotações dos fatos observados e das interações vividas no âmbito da pesquisa e o gravador de voz digital.

Busca-se cumprir rigorosamente com todo o cronograma elaborado. Promover encontros com os participantes envolvidos na pesquisa para leituras e discussões de textos relacionados ao tema. Construção de oficinas lúdicas e desenvolvimento de ações na Brinquedoteca, junto às crianças. Além disso, tem-se como meta utilizar o máximo de informações possíveis, pesquisa em fontes relevantes, para, posterior, socializar com a comunidade (seminários, palestras, publicação de artigos e etc).

Pretende-se, também, incrementar os conhecimentos produzidos no âmbito da pesquisa com crianças, no campo da educação, dos estudos da infância e da Educação (no aspecto do brincar). Além disso, busca-se trazer referências teóricas para o avanço da discussão sobre o tema em contexto nacional e internacional, especialmente no tocante à educação de crianças

pequenas e à formação de professores/as, já que a sexualidade infantil e as identidades de gênero na infância são, ainda, compreendidos como temas tabus, que, ao invés de serem amplamente discutidos, problematizados e investigados, muitas vezes são abafados e silenciados.

### **Implicações da pesquisa**

Busca-se, com esta pesquisa, além de articular as dimensões de ensino, pesquisa e extensão, contribuir para o debate da cultura contemporânea sobre a infância e suas relações que ocorre com o outro, sobretudo no âmbito da educação de crianças e da formação de professores, uma vez que temas, como sexualidade, relações de gênero e corpo infantil, possuem ainda pouca ressonância na área devido ao seu forte silenciamento, compreendido, muitas vezes, como tabu.

Outra implicação desta pesquisa reside no campo da educação, sobretudo na formação de professores/as, posto que, no trabalho pedagógico com a criança, não podem estar separados os valores, as experiências e os saberes que as crianças constroem com o próprio corpo, com o corpo do outro, suas relações afetivas e sociais, suas concepções, suas fantasias, seus medos e angústias, suas formas de expressar e lidar com a sexualidade e seus modos de ser meninos e meninas.

### **CONSIDERAÇÕES**

Observamos que as crianças, quando brincam no espaço da Brinquedoteca, utilizam os diversos brinquedos existentes no espaço. O tradicionalismo de algumas professoras aparece nas atividades lúdicas das crianças, quando o menino, por exemplo, é impedido de brincar com a maquiagem – na concepção da professora “isso é coisa de menina”.

Espera-se, portanto, problematizar o assunto proposto e difundir o conhecimento com a comunidade, a família das crianças, os profissionais da educação e com o mundo das produções acadêmicas, mesmo sabendo que se trata de um tema que desconforta muitas pessoas.

A realização deste projeto poderá permitir que outros pudessem surgir com intuito de aprofundar sobre a temática ou gerar outras ideias. São as relações estabelecidas no contexto da pesquisa que poderão direcionar para que a investigação se torne uma intervenção ação, algo que também causa e proporciona impacto no mundo educacional.

O estreitamento de laços entre estudantes da área da Educação Física e da Pedagogia (e de outras áreas afins) são aspectos positivos, tendo em vista as afinidades existentes entre os dois campos de formação e, sobretudo, pela necessidade que há em pesquisar e compreender o universo infantil e suas vicissitudes.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2001.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 4. ed. São Paulo: UNESP/ Hucitec, 1998.

BARBEIRO, G. H. H. **Movimentos Sociais e Desigualdades de Gênero**. In: *Gênero e Diversidade na Escola*. Ed. UFMT, 2014.

FELIPE, J. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FELIPE, J.; GUIZZO, B. S. **Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo**. In: *Pro-posições*. v. 14, n. 3, set./dez., 2003.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 6. ed. vol. 1. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

JOBIM E SOUZA, S.; CASTRO, L. R. **Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo**. In: CRUZ, S. H. V. (org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 52-78.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 8. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

RIBEIRO, C. M. **A fala da criança sobre sexualidade humana. O dito, o explícito e o oculto**. Campinas, SP: Editora Mercado de Letras, 1996.

SALGADO, R. G.; CARVALHO, C. S.; RODRIGUES, M. A. C. **Quando as meninas brincam de ser mulher: reflexões sobre mídia, cultura lúdica, gênero e sexualidade**. In:

I Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar – 06, 07 e 08 de junho – Mineiros-GO

PASSOS, M. C.; PEREIRA, R. M. R.(orgs.). **Identidade, diversidade: práticas culturais em pesquisa**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Rio de Janeiro: Faperj, 2009. p. 4354.

SALGADO, R. G.; DE LUIZ, G. **Infância, corpo e gênero na cultura contemporânea: “Espelho, espelho meu, quem pode ser mais belo(a) do que eu?”**. In: *Infância e juventude no contexto brasileiro: gêneros e sexualidades em debate*. Cuiabá: EdUFMT, 2012. p. 13-28

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, v. 20, 1995. p. 71-99.

SOUZA, L. L. **Gênero no Cotidiano Escolar**. In: *Gênero e Diversidade na Escola*. Ed. UFMT, 2014.